

Entrevista - Visão

Como é que lhe surgiu a ideia de juntar os principais partidos da esquerda num acto público?

MS - Há muito tempo que venho pensando que é necessário que os partidos da esquerda se entendam, para triunfarem. Se não se entendem, nenhum triunfa. Cheguei a conclusão que podia tentar, com limitações, promover um acto público.

Um acto simbólico?

MS - Em que estivessem todos para discutirem a forma de acabar com a austeridade, que só nos leva ao desastre.

Foi fácil convencer os partidos de esquerda?

MS - Não terá sido fácil (risos)... Falei com todos, por várias vezes.

Com os líderes?

MS - Por vezes com os líderes, outras vezes não. Não falei com o Jerónimo de Sousa, que é o líder do PCP. Falei com dois camaradas do partido, muito bem colocados. Falei várias vezes com eles, eles ficaram de pensar. Discutiram entre si e finalmente aceitaram. Mas este encontro da Aula Magna é uma acção que termina no próprio dia. Não é para seguir. Espero que esteja muita gente lá para podermos falar. O Doutor Sampaio da Nóvoa é quem preside e dar-me-á a palavra logo no início, ele só fala no fim. Entretanto, os líderes dos partidos, através de representantes que me foram indicados, vão dizer de sua justiça sobre a austeridade e a necessária queda do Governo.

Esse é o lema do encontro...

MS - Realmente é preciso que o Governo desapareça, como já devia ter acontecido, e também que o senhor Presidente da República não continue a dizer que o Governo é legítimo, porque não é. O Presidente da República já está a ser, ele próprio, vaiado. Como é que pode ser legítimo um Governo que a maioria da população não aprova, porque se sente desesperada? Há fome, pessoas a passar mal. Ninguém se entende no Governo. É um Governo que não dialoga, não fala com ninguém, cujos ministros não podem sequer sair à rua sem serem vaiados.

Que saída política é que vê?

MS - Bom, a saída é complexa. Para já só quero que as pessoas se convençam que é necessário fazer cair o Governo. Até o próprio pai do primeiro-ministro Passos Coelho já o disse: o melhor é desistir. O Presidente tem de perceber que fica muito mal colocado continuar ao lado do Governo...

O senhor não esteve presente, por solidariedade com a Associação 25 de Abril, nas comemorações do dia da Liberdade no Parlamento. O que achou do discurso de Cavaco Silva?

MS - Achei péssimo. Não é possível fazer compromissos quando os partidos não se entendem, nem sequer falam. O PSD é um partido social-democrata. Sá Carneiro era um social-democrata a sério. Ele queria que o PSD integrasse a Internacional Socialista. Só não o conseguiu porque nós, do PS, chegámos primeiro... Já lá estávamos. Se não teria sido. E sempre se disse social-democrata. O PSD, na sua esmagadora maioria, é contra este Governo, porque é fiel a Sá Carneiro

Mas existe um impasse: o Governo mantém-se, o Presidente nada fará para provocar a sua queda, e os partidos da oposição não se entendem. Que contributo é que o encontro da Aula Magna pode dar para mudar essa situação?

MS - O contributo é simples: todos estão de acordo que este Governo tem de sair e que é preciso terminar com a política de austeridade. O que se vai seguir? Para já há um encontro. Depois, a minha função terminou.

E o que gostava que acontecesse depois?

MS - Gostava que os partidos de esquerda se entendessem, mas não quero pedir tanto... Talvez um dia seja possível. Lembro uma coisa: os social-democratas e os comunistas alemães passavam a vida a discordar e a discutir quando apareceu o Hitler. Acabaram todos em campos de concentração. Temos de pensar nisso.

Tem falado sobre o perigo que corre a democracia portuguesa. Acredita que está em risco?

MS - Claro que está em perigo. O Governo trata mal o Tribunal Constitucional. O próximo Orçamento deve correr mal. A troika diz que está tudo bem, mas quando o ambiente azedar eles serão os primeiros a sair.

Foi isso que disse na última reunião do Conselho de Estado?

MS - Sobre isso não me posso pronunciar. Eu cumpro os meus deveres como conselheiro. Os membros do Conselho de Estado devem guardar sigilo das reuniões. Como sabe, eu falei antes das 20 horas outros e tive de sair, porque assim exige o meu médico. Depois houve problemas, tanto quanto sei, na elaboração do comunicado, mas eu já lá não estava.

Como ex-Presidente, como vê o papel do Chefe de Estado numa crise como a que vivemos? Deve ser uma válvula de escape?

MS - O Presidente deve utilizar a sua "magistratura de influência". O Presidente Sampaio demitiu um Governo numa situação difícil.

Era isso que esperava deste Presidente?

MS - Não, não esperava. Mas esperava que agisse. E que não estivesse a repetir que o Governo é legítimo quando não o é. Militares, civis, a própria Igreja, toda a gente está contra. Quem é que apoia este Governo? Dois terços dos líderes do PSD não quiseram estar presentes quando foi o último aniversário do partido? Parece que tiveram de ir buscar gente aos cafés para compor a sala...

Lembrou-se, quando contactava os partidos para o encontro da Aula Magna, do 1º de Maio de 1974, em que esteve ao lado de Álvaro Cunhal?

MS - Lembro-me muito bem. Foi um dia único, sagrado, na minha vida. Nunca tive a intenção de ter uma luta com o PCP. Pelo contrário. Sempre pensei que seria possível fazermos uma frente de esquerda. Mas quando me apercebi que o plano do PCP era 'comer' o PS, isso não.

Quarenta anos depois, as feridas do PREC, à esquerda, já estão saradas?

MS - Espero que sim. Para mim estão. Eu devo dizer que nunca teria sido eleito Presidente da República se o Dr. Cunhal, que era um homem de estratégia rígida mas com uma grande flexibilidade táctica, não tivesse apoiado a minha eleição. Ele percebeu. Embora tivessem de me tapar a cara para pôr a cruz. Ele deu-me a vitória, isso é indiscutível.

Lisboa 30 de Maio de 2013